



Gaiato

20 DE FEVEREIRO DE 1971
ANO XXVII — N.º 703 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

NOTA DA QUINZENA

UNS dias de retiro foram-me oportunidade de convívio profundamente reconfortante com Pai Américo.

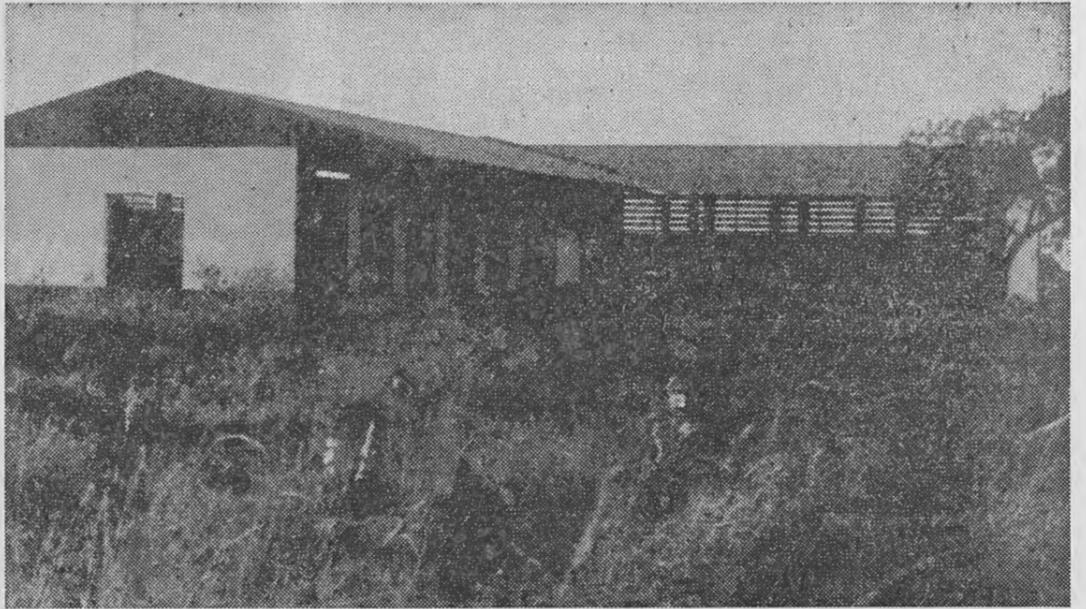
Nenhuma surpresa. Até por aquela intuição que se estabelece entre almas que se entendem, eu sabia da sintonização do Pai Américo com a Igreja do Vaticano II. O seu Livro Único, o Evangelho, assegurava-lhe a ortodoxia do pensamento. A fidelidade à primazia absoluta da Caridade foi-lhe regra de acção. Como não havia, pois, de estar actualizado, de ir mesmo na vanguarda do «aggiornamento» que João XXIII viria a decretar para toda a Igreja?

Contudo, nunca o encontro com Pai Américo fôra tão denso e tão enraizado na Escritura e nos Documentos Conciliares, como o que estes dias me proporcionaram.

É certo que durante eles estava empenhado em jornada de conversão para a qual, quanto a mim, não faltavam razões de procura. Mas re-descobrir a actualidade da nossa vocação, o em-dia dos caminhos que Pai Américo nos rasgou, tão consonantes com o sentir da Igreja no nosso tempo — não podia deixar de ser grandemente consolador.

Ouvi-o muitas vezes, com aquela veemência de que foram testemunha quantos enchiam o Coliseu em 1954: «... a Inércia tem muita força!...» Ele bem o sabia experimentalmente! Ele, que era um inovador (se assim se pode chamar a quem regressa ao Evangelho sem glosa!...) um construtor de Doutrina a partir da vida — e que, por isso mesmo, teve de pagar bom preço (o choque de estru-

Cont. na TERCEIRA página



Oficinas da Casa do Gaiato de Lourenço Marques. A carpintaria é do lado esquerdo.



SETUBAL

Eu tenho a Jesuina dentro de mim mais os seis filhos dela e o marido coxo e tuberculoso!...

Esta tarde contemplei-a sentada na soleira da sua casa, em profundos soluços de um choro que me pareceu chegar à consciência de todos os homens rectos. A Jesuina chorava de agonia e de impotência! Havia um grande aparato à sua volta. A sua casa estava

a ser destruída, por sentença de um tribunal de Lisboa, por homens à ordem deste, e escoltados por uma forte patrulha de G. N. R.

A história é muito simples. A Jesuina construiu a sua casa num terreno cedido pela avó do marido que dele pagava foro — um foro muito antigo — ao dono de uma grande herdade desta região. A avó morreu e, um

dos herdeiros dela, familiar da Jesuina, comprou por um preço irrisório a propriedade, ainda grande, onde a Jesuina tem a sua casa. Não se entenderam. Vieram os tribunais e com eles a sentença iníqua: — Ordem de despejo.

Deus do Céu!... Eu vi a Jesuina, no trabalho do arroz, atascada até à cintura, com uma enxada nas mãos, nos últimos dias da sua gravidez, com o ventre a rojar na lama fria e negra, ganhando 25\$00 diários!...

A Jesuina criou assim seis filhos!...

Ele há heroicidade que só os Pobres são capazes de cometer!

Assim a Jesuina construiu a sua casa!... Não quis viver numa barraca. Foi Pobre da Conferência dos nossos rapazes. Pediu aqui e ali, e ao dono da grande herdade a quem o terreno estava aforado e veio também ter connosco. Demos-lhe o que pudemos: — tijolo, telha e transportes. Documentou-se. Da sua casa pagou, todos os anos, contribuições à Repartição de Finanças de Palmela.

Uma casa é um mundo!... E também um Céu para quem a levanta com sacrifícios desta natureza!

A Jesuina não sabe ler. Não sabe falar. Não é capaz de se defender. O marido é um atrasado mental. Coxo. Diminuído. Agora tuberculoso. Por isso tenho o choro da Jesuina dentro de mim!...

Quero clamar JUSTIÇA. Tenho a certeza que o Juiz ao proferir esta dolorosa sentença, não estava senhor de todos os prismas da questão. Incúria de advogados?...

O filho mais velho da Jesuina está na tropa. Pela Pátria, se for necessário, dará o seu sangue.

Eu quero dizer à Jesuina e aos seus filhos e ao marido que sou patriota, e, em nome da Pátria, estou a clamar JUSTIÇA!

Esta pobre gente não se sabe defender. Veio a sentença e não apelou. Mas não haverá neste mundo uma força que faça justiça onde ela é assim ultrajada? Apetece-me pôr de joelhos diante do Ministro da Justiça e pedir-lhe que atenda a Jesuina.

Padre Acílio

Por

PADRE TELMO

MALANJE

Os meninos pretos não entendem bem o presépio branco:

As ovelhinhas guardadas pelo pastor que toca flauta... Nunca viram!

Os reis e os camelos... Também não!

Os caminhos sinuosos na montanha... Não!

Grutas de pedra, vaca e mula à manjedoura... Cá não é assim!

Menino Jesus branco — nas palhinhas... Nem!

Será:

A copa duma palmeira ou cabana de capim; menino preto, rechonchudinho, deitado num luando ou na terra batida. Perto, uma cabra com dois cabritinhos. Pelo carreiro estreito, no capim alto, um velho preto fumando cachimbo. Mãe Domingas de selos caídos até ao umbigo ofertará, no lugar dos reis magos, capia cheia de mandioca, espiga de milho e bata-

ta doce. Depois virão os homens e as mulheres, os meninos e as meninas, com ritmo, dançando e cantando.

E o menino crescerá!

Poderoso!

Vai construir uma sanzala de pedra e cal, numa encosta verde — cheia de sol!

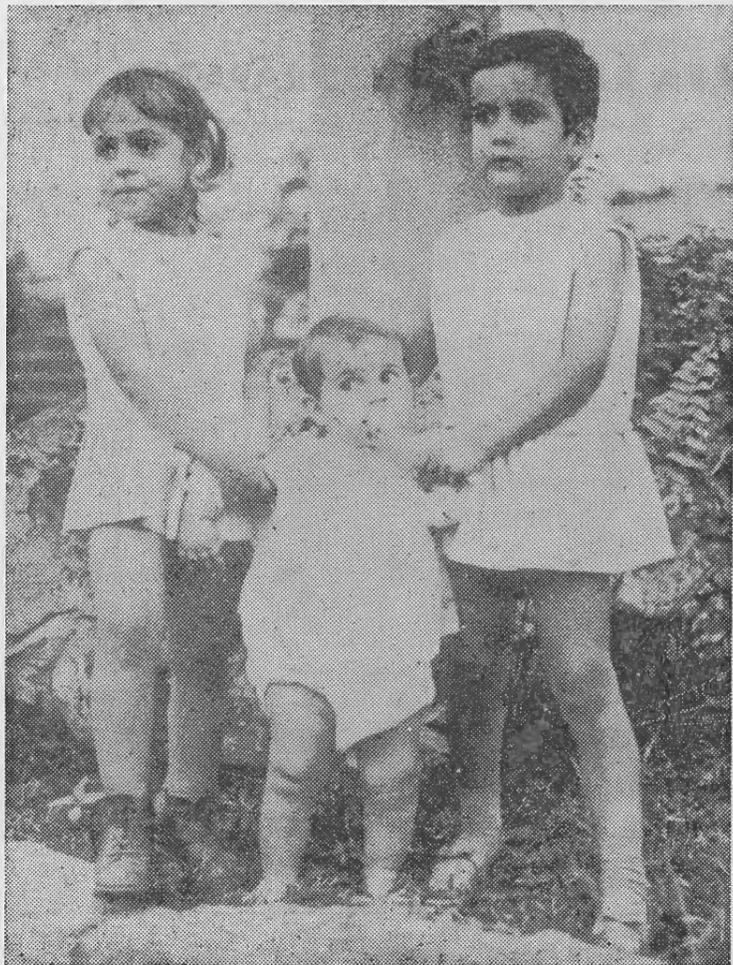
Lá... pão, leite, carne, amor, filhos, um sino a tocar e, todos os anos, o Menino Jesus no luando do presépio.

Visado
pela
Comissão
de
Censura

A Família cresce!

Não é um cantinho de página elegante — devaneio comum dos mortais... Mas clara afirmação de vitalidade da Obra da Rua — entre filhos e netos — mesmo para além das suas paredes.

Aí vai, por isso, mais um quadro vivo da nossa Família — dispersa pelos quatro cantos do mundo.



Sãozinha, Sandra e Belinha — três rebentos do Fernando Dias, da nossa Casa de Malanje.



Eis a filha do José Teixeira (ex-«Ferramenta»), de Paço de Sousa, ora na África do Sul.



Uma imagem do casamento de J. Carlos Santos (ex-«Grilo»), que foi da nossa Casa de Miranda do Corvo.



Esta é a prole do Pascoal — que também se fez homem em nossa Casa de Miranda do Corvo.

lho, veio trazer-nos uma bola de futebol e mais uma soma em dinheiro para o nosso grupo desportivo.

Aqui fica expresso o nosso muito obrigado a todos estes amigos.

Manuel dos Santos

CALVÁRIO

Luzes — Durante o ano de 1970 Deus chamou à Sua Presença 19 irmãos nossos. Vão juntar-se ao já grande número que partiu para a Eternidade, daqui do Calvário. Irmãos nossos, sem eira nem beira, que no Calvário tiveram uma cama e mais alguma coisa. Aqui, Deus os veio buscar.

Porque eram dos nossos, ficaram os seus corpos no nosso «Campo Santo». São já quase 90 que nele repousam. E como eram eles? Tão repelentes, a maior parte, que até os deitaram ao abandono! E talvez mais do que o próprio lixo que traz toda a gente preocupada com a sua arrumação. E gastam-se importantes verbas para tornar mais cómoda a limpeza das ruas!... E porque se «vão» tantos irmãos pobres e incuráveis, de hospitais ou de agregados peçados de gente?! Porque não se arranjam melhores comodidades para tantos deles que, todos os dias, batem, das mais variadas formas, às portas do nosso Calvário para obter um lugar?

Ora estes, como tantos outros, não podem esperar. E o seu sofrer seria ainda maior se ouvissem os homens apenas prometer!...

Os Pobres incuráveis querem que os homens despertem para resolução dos seus problemas E que sejam Homens! Enfim, se todos compreendêssemos as injustiças de que são vítimas tantos que o Calvário tem recolhido e muitos mais que aguardam cama, haveria mais amor para eles. Só Amor. E tão difícil é dá-lo! Por isso os homens fogem do Amor!...

Neve — Foi um espectáculo as grandes camadas que caíram nesta região. Embora houvesse frio, parece que foi esquecido para gozar um entretenimento fora do vulgar. Jogaram-se bocados uns aos outros. Um espectáculo maravilhoso! Perguntem, se quiserem, ao Bernardo se ele alguma vez tinha visto coisa semelhante em Luanda. «Que coisa linda, formidável!» — vos diria, como disse naquele Domingo. Quando a Natureza é bela, mesmo com o gelo (que frio!), a nossa alma parece mais quente, por verificar que o Calvário tem livrado tantos de morrer enregelados. Não de frio... Mas pelo egoísmo dos homens!

Manuel Simões

Lar Operário em Lamego

Há vários modos de fazer doutrina e duma simples notícia podemos tirar conclusões salutares.

As crónicas do Lar de S. Domingos pretendem somente levar aos leitores que nos amam, conhecimento do que se vai passando dentro das paredes que nos abrigam. Muitos colaboram connosco enviando donativos e é justo que se lhes comunique os bons ou maus resultados da Obra.

Passou mais um aniversário e portanto a hora é de exame. No geral o aproveitamento é bom. Há um ou outro que despreza as oportunidades de se ir enriquecendo moral e profissionalmente. Houve também algumas arrelias. Recebemos com desgosto a comunicação de que dois, que estavam a trabalhar, teriam de ficar em casa desempregados por não sabermos respeitar o que é dos outros. Agradecemos a delicadeza que ambas as firmas tiveram

na resolução do caso. Tudo se passou discretamente e os rapazes (se quiserem) poderão voltar brevemente ao trabalho. Dos estudantes, as notícias mais agradáveis são as que se referem ao Adriano. Depois de ter passado alguns meses em tratamento, já recomeçou os estudos com entusiasmo. Tanto os professores como os companheiros têm desejo de o ajudar a recuperar as lições do primeiro período. Vai toda a nossa gratidão para o Colégio Beneditino, em Lamego, que muitíssimo tem favorecido o Adriano. Trazemos dentro de nós uma luta sobre os outros estudantes, pois devido ao seu pouco aproveitamento não sabemos se hão-de

continuar, ou se devemos mandá-los desistir.

Por vontade das famílias e deles querem frequentar as aulas. Todavia, parece-nos menos justo que estejam a ocupar o lugar de outros que obteriam melhores resultados.

Ao lado deste balanço, que é o mais importante, temos ainda de fazer as contas com o merceiro, com o fornecedor do pão, gaz, luz, roupas etc. A cooperação dos rapazes ou é nula, ou é muito pequena. Aparecem alguns benfeitores que ajudam, mas, presentemente, a dívida passa dos nove contos. Acresce que há necessidade de renovar as roupas da cama. O que tínhamos foi-se inutilizando ao longo destes 5 anos.

Não temos cobertas, não temos toalhas, os cobertores não chegam. A tómbola do Natal rendeu 4.000\$ que valeram para manter o nosso crédito junto dos fornecedores, recebendo um pouco cada um. Estamos a pensar na Páscoa para novamente pôr a funcionar a quermesse, mas isto só é possível se nos oferecerem os prémios. A generosidade dos leitores é que vai resolver.

A parte final deste olhar retrospectivo é destinado a fazer um acto de Fé na Providência que sabe das nossas necessidades; e na amizade dos que têm acarinhado o Lar de S. Domingos.

Padre Duarte

Telescola — Já há bastante tempo começei o segundo período. E todos ansiavam pelas notas. A verdade é que não foram muito famosas. Esperamos que para o próximo sejam muito melhores.

Paço de Sousa

Catequese — Como é hábito, na nossa Casa, durante o Inverno e Primavera, há Catequese para os nossos rapazes que ainda não fizeram a Profissão de Fé.

Temos três catequistas da família da Obra. Uma, a sr.^a D. Maria Angélica; as outras, são a esposa e a irmã do nosso Júlio Mendes.

Pelo que tenho visto os rapazes

PELAS CASAS DO GAIATO

têm-se portado às mil maravilhas. E muito interessados!

Biblioteca — Temos já muitos livros catalogados, mas precisamos de mais — proveitosos e actuais.

Verdade seja que os leitores, infelizmente não são muitos. E é pena!

Formação tecnológica — Na nossa Tipografia, como muitos de vós sabeis, temos a funcionar um serviço de formação profissional — para ficarmos devidamente habilitados a desempenhar a nossa

missão de profissionais gráficos. Pois trabalhar e não se saber os comos e porquês do que se está a fazer, é o mesmo que brincar com uma bomba — julgando estar a brincar com um objecto sem perigo!...

Para se avaliar do nosso aproveitamento, temos provas semanais — normais; e trimestrais — complementares.

Futebol — Com. á vai sendo hábito, veio até nós um funcionário do Banco Borges & Irmão, que em nome dos seus colegas de traba-

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O problema do seguro social dos rurais — ainda em fase embrionária — surte efeitos nesta parcela. Os homens válidos da lavoura, ao menos, já recebem abono de



NOTA da QUINZENA

Cont. da PRIMEIRA página
turas instaladas) pelo dom de Deus!

Não há nada mais deteriorante da expansão da Vida divina entre os homens do que a tentação consentida de imobilismo. Pior — creio — que o extremismo contrário!

Deus não muda porque é o Acto Puro. Mas o homem, que o não é, não realiza a sua inserção nas linhas de força divinas sem mudança. E ao deixar-se conscientemente conduzir por uma daquelas linhas, a que corresponde à sua personalidade e à sua vocação específica, mudar é a lei incessante por que terá de reger-se até ao fim, até à morte, que é a der-

radeira mudança neste mundo. Nisto não aparece discrepância entre a Teologia e as Ciências da Natureza: Tudo o que é vivo diz transformação.

Como ser cristão, sem aceitar mudanças, sem ter mentalidade de mudança, sem ser actor da mudança que continuamente se impõe e se opera, connosco, ou apesar de nós...?!

Pai Américo partiu do mundo em juventude de espírito. Pelo vigor desta juventude («de que Deus é a alegria») sofreu em serenidade as tensões provenientes do seu avanço vivencial sobre o seu tempo. Espadelado à esquerda e à direita, sofrendo na sua carne, nunca ninguém lhe feriu o

família. E os inválidos, pela mão dos filhos, também. Certo!

Todavia, se na voz do povo o **sol quando nasce é para todos**, havendo sombras temos **ghettos**. E, na realidade, a inválida e pobre terceira idade, sem descendentes — que abunda em cheio — e socorremos na proporção das nossas eventuais disponibilidades — fica à margem de benefícios!

Fora da amálgama de colóquios, mesas redondas, que são marca da época (indispensáveis), a rasteirinha e humilde condição de vicentinos obriga-nos a revelar uma pergunta que nos remoe assiduamente: — Os velhos (e quem diz homens diz mulheres) na indigência e que labutaram uma vida inteira, **porque sem filhos** — incapacitados ou diminuídos fisicamente — não são gente?! Os **actuários** do seguro social, por deformação profissional, têm a sua razão, talvez os seus dogmas. E, na vertical, o resto da pirâmide. Mas os problemas humanos são mais dolorosos...

Por causa deste desolador panorama de justiça incompleta, estamos na rua, agora — uma grande parte de nós, vicentinos — a tapar outro **furo**: na mão de Pobres, ausentes de regalias — de que beneficiam já grande parte dos cidadãos — colocamos, ainda mais, supletivamente, um **abono** — que deveria chegar por outras vias! Um encargo? Sim. Pesado? Com certeza. São mais 100\$00 por mês a cada indivíduo ou casal... Acima de tudo, porém, é grito d'alma a clamar solução! Pois as Conferências não são delegacias de assistência, ou previdência, nem os vicentinos seus funcionários...

Não há dúvida, na complexa equação de problemas de Justiça Social, quanto maior o progresso — normalmente gizado em ópticas restritas — maior o fosso, o desnível, a injustiça de que tantos sofrem, cuja ingrata vida o tempo (só?...!) não permite gozar os benefícios da maioria. Dir-se-ia: — São **velhos... pouco mais duram...** E se as posições se invertessem? Tudo é possível neste mundo! Aqui reside a grande lição do primeiro Mandamento — que tão facilmente esquecemos...

Em conclusão: o problema que aí fica — sucintamente — é mais um pecado de omissão(?), que escapa às nascentes (e até florescentes!) **sociedades de consumo...**

DONATIVOS — São poucos, mas nunca falham — graças a Deus. Abre uma farmacêutica de Rio Tinto, com 100\$00. É presença muito assídua! Mais um embrulho de roupas, do Entroncamento. Que jeito fizeram! E mais 40\$00 de Portalegre, da assinante 17022. Também é muito assídua! Fechamos com outra do mesmo naipe — a assinante 17740, com igual quantia. Para todos, um muito obrigado — em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

espírito. Por isso se deixou conduzir pelo Espírito ao longo da sua linha de força divina, em contraste e em choque com a maioria, mas nunca em agressão a ninguém, muito menos à Igreja Hierárquica, que amou profundamente tal qual Cristo A fundara e pela qual sempre foi respeitado e até adivinhado. (O que é senão intuição do que se não entende perfeitamente, aquele «ande lá...!» do seu Bispo, na sequência de: «a sua vida é um mistifório!»?)

Mas Pai Américo nunca se julgou detentor da verdade imutável. Algumas vezes saboreámos juntos aquela imagem bela do nosso Bispo: «A verdade absoluta é infinita, portanto imutável. Mas os homens, porque limitados, não são capazes de A abranger. Ao longo dos séculos gravitam em torno d'Ele. E cada geração vê-Lhe uma face, um aspecto mais realçado».

Era já um anúncio da Teologia dos «Sinais dos Tempos», que Pai Américo soube interpretar tão bem na sua época, com a humildade de quem sabe que a seguir virá outra época com os seus sinais característicos, pelos quais Deus continuará a revelar-Se aos homens. De quem tem a certeza de que só uma realidade é imutável — o Amor.

Eis a doutrina essencialista que compete ao Cristão. Quem o é, aceita pacificamente a mutação dos acidentes na sequência de circunstâncias diversas.

Aqui Lisboa

Vamos fazendo o que é possível, humilde e apagadamente, como é timbre da Obra. Acusados, às vezes, de nos furtarmos a colaboração, é ainda em nós que os serviços dependentes dos que nos acusam, encontram, paradoxalmente, solução para as questões mais dramáticas que se lhes deparam. Somos, entretanto, uma gota de água para colmatar o oceano de necessidades a exigir rápidas e eficazes soluções. Em vista do exposto temos de seleccionar os casos que nos são postos e, dado sermos essencialmente para os abandonados e sem família, devemos ter a coragem de resistir a todas as pressões, venham donde vierem, no sentido de não vermos frustradas as finalidades para que foram criadas as Casas do Gaiato.

As pessoas que nos procuram, escrevem ou telefonam, aliás com as melhores intenções, além de nos desconhecem muitas vezes, não fazem a menor ideia do que seja alimentar, vestir e, sobretudo, tentar educar cerca de 100 ou mais moços, cujas carências alimentares ou afectivas, aliadas aos maus exemplos ou traumatismos recebidos, para lá do peso da heredita-

riedade ou de outros aspectos não menos relevantes, exigem a máxima disponibilidade e o recurso a todas as energias físicas e psico-anímicas de que um ser humano é capaz. A linguagem usada por quem vem ao nosso encontro repete-se, como se de um disco se tratasse: «é um caso terrível», «não há criança mais necessitada», «é um caso nunca visto», «é só mais um», etc. etc.. Ora, na maioria das circunstâncias, até porque não somos saco sem fundo, temos de opor a negativa, não só pelas razões apontadas, como pelo facto de as nossas Casas não serem armazéns de Rapazes, à laia de depósitos de mercadorias, onde há sempre lugar para mais um objecto ou uma coisa. Como «não» é sempre desagradável para quem quer que seja, ainda que justo, nem todos os que o ouvem são capazes de compreenderem a nossa atitude. Não vemos, porém, como cumprir o nosso dever, seguindo outro caminho que não seja o da negação, quando os problemas não nos dizem respeito ou há uma hierarquia de necessidades a considerar, até porque, sendo **nossos** os casos postos e havendo lugares, não rejeitamos a admissão de nin-

TRIBUNA de Coimbra

Fiz anos. Não gosto de ligar ao dia, mas tive de ligar por ser chefe de família. Já dias antes me tinham prevenido: são quarenta e sete.

No mesmo dia o Joãozinho fez cinco. Ele vestiu e andou em festa. O pai (gosto de chamar pai ao militar enfermeiro que o criou e que o ama com entranhas de amor) mandou-lhe uma lembrança e seus pais também lhe ofereceram uma prenda.

Quando há semanas regressi de Moçambique, o Joãozinho, com toda a sua infantildade, veio perguntar-me se eu tinha visto a sua família. Corei de amargura e os olhos humedeceram-se-me. Fiquei mudo como uma pedra.

A voz do Joãozinho era um grito de justiça. Eu não tinha

resposta para lhe dar. O Joãozinho é de muito longe, duma tribu muito célebre. Foi registado pelos nossos militares com o nome de João Paulo de Deus Gaiato. O pai ligou-se a um grupo de guerrilheiros e desapareceu. A mãe foi morta pela guerra. O Joãozinho, possivelmente, nunca conhecerá ninguém de família e já anseia tanto por conhecê-la.

Ele foi o centro do nosso aniversário.

Também eu tive uma prenda de anos. Quando de manhã entrei no escritório, encontrei debaixo da porta um papelinho com estes dizeres: — **ferramenta: uma maçeta, uma escacelhadeira, um colherinho, uma troques, um esquadro — Choninhas.**

Era um pedido do «Choninhas». Um pedido de ferramenta. O «Choninhas» (o alcunha diz muito do que ele tem sido) é do Porto e veio de Braga. Veio pequenito e foi-nos entregue pela madrinha, que o recebeu da mãe internada no hospital de doentes mentais, onde ainda está.

O «Choninhas» tem 16 anos. É um castelo. Tem sido uma vida dura de conduzir. Outro dia fugiu. Passados dias foi apanhado pela polícia de Leiria. Andava já com uma bicicleta roubada e tinha na sua posse outros pequenos roubos. Voltou a nossa Casa. Tem andado melhor. Tem jeito para pedreiro. Há dias fui chamado ao Tribunal. Entregaram-me uma «cópia da douta decisão do Juiz» — Assim aplico-lhe a medida de internamento na Casa do Gaiato que saberá encaminhar o menor para uma vida digna e honesta.

Por amor ao pedido do «Choninhas», para que ele se deixe encaminhar para uma vida digna e honesta e por amor ao Joãozinho, para que ele sinta a família que temos de ser, aceitei com alegria mais um dia de anos.

Padre Horácio

guém. Não sabendo nem querendo saber fazer milagres, vamos dando, no entanto, o melhor que temos, a nossa própria vida, aguentando com as dificuldades inerentes ao apaixonante trabalho de tentar fazer homens dos «filhos de ninguém» que até nós vão chegando. De resto, quem nos procura, se ouve um «sim», considera, a partir desse instante, finda a razão da sua intervenção, enquanto, para nós, começam aí e continuam, sabe-se lá até quando e de que maneira, as dificuldades e as lutas.

A atestar, porém, de que não nos furtamos a acudir, como se bombeiros fôssemos, às tragédias mais cruciantes que se nos deparam, está o facto de termos ocorrido pressurosos e com toda a força de alma ao apelo angustiante de Pároco solícito pelo bem do seu Povo, que nos apresentava a trágica situação de dois irmãos, de 8 e 9 anos, cuja mãe se suicidara, drama seguido, logo após um mês, da morte por intoxicação do respectivo pai. Sem burocracias ou dificuldades, as crianças em causa são nossas desde o meio da semana em que escrevemos, libertando a pobre tia que os recebera, simples operária duma fábrica com 9 pessoas a seu cargo, duma sobrecarga de peso e imprevisível. Para sermos verdadeiros, nunca nos sentimos tão felizes e conformes ao lugar que ocupamos, como quando podemos estender, como neste caso, as mãos a quem precisa de nós.

A laia de apêndice, queremos falar-vos de quase nula

ressonância do apelo aqui feito em ordem à construção de uma casa para 50 Rapazes, abandonados ou sem família, na nossa Aldeia. A habitação projectada destina-se a crianças do tipo atrás anunciado. Se aquilo que temos para oferecer o damos sem limites — a nossa própria vida — não nos achamos importunos ao pedir-mos a vossa colaboração, se não com o vosso sacrifício com o vosso supérfluo.

Padre Luís



LOURENÇO MARQUES

Se quem dá nunca repete, porque ao pensar em nós faz um acto de amor e este é sempre novo, também nestas contas não há repetição: a nossa gratidão e acção de graças a Deus é sempre nova; é mesmo um cântico novo por tudo quanto o Senhor faz em nosso favor. E assim a nossa esperança é sempre renovada e contamos ir por diante de modo a estar concluída a Casa-mãe e um dormitório antes do fim do ano. Assim Deus se amercie de nós e os nossos amigos nos alentem.

E aqui vai a **procissão** como Pai Américo lhe chamava. Vão à frente os visitantes. Num Domingo muito cedo, uma senhora com 500\$. De Nigel 200\$. Família Vinagre 1.300\$. Sogro e genro 750\$. De uma promessa ao Senhor dos Passos 500\$. Igual e outro tanto de cursistas e uma geleira que veio a matar. Mais 200\$ e dois randspela mão dos filhos. Pais e filhos, muita amizade e 400\$. Um professor doente com 5.000\$. Visitantes diversos com 500\$, 400\$, 150\$, 100\$ e 50\$. Duas senhoras muito conhecidas dos nossos vendedores, com mercearia, sumos e prendas em roupa e brinquedos. Dum sr. doutor 3.000\$. E não sei quanto de Mau Tempo. Cem dum casal da Manhica. Roupas e calçado de Rosetenville. Um antigo colega de estudo com brinquedos, cem, roupas e cinco litros de precioso azeite. Duzentos de visitantes de Penafiel e outra vez com cem por mês e o dobro por os filhos passarem nos exames.

Outros donativos chegaram

até nós das mais variadas maneiras. Por intermédio do Capelão de Nacala, grande angariador de assinaturas para o Gaiato, onde contamos agora com umas dezenas de amigos, 500\$ de M. T. S. Vinte pelo neto que está na tropa. Um rancho muito grande da D. Eládia, mais 1.500\$ e 200\$ dum empregado da mesma Casa. Caixas de Sumos de Representações Nisa. Uma mala com roupa. 168\$20 de migalhas de Empregados da Fazenda e do Pessoal de Máquinas Internacional 1.862\$90, dum mealheiro que amigo faz circular. Do Luabo 200\$. Beira 150\$. Da Superiora Provincial das Franciscanas de Maria, uma consoada muito grande. Associação dos Empregados do BNU, 1.500\$. Na Minerva Central 500\$. Cem de vizinha por alma dos pais. Mil e quinhentos dum casal gaiato. Mil entregues no Notícias. Mais metade de J. S. Neves e um lençol para o Calvário. Igual de senhora dos SAE e 300\$ doutra vez. Eng.º Meteorologista com 300\$ todos os meses. Sofás e candieiros e uma secretária. Um caixote com ferramenta na Pero de Alenquer. Quem nos dera muitas ferramentas de carpinteiro e serralheiro! Estamos aptos ao trabalho e falta-nos tanta coisa! Até e sobretudo madeira que é tão cara nesta terra! Temos uma promessa e até se concretizar vamos aproveitando as madeiras velhas que nos têm dado. Muito mais temos a agradecer, que fica para outra vez.

Padre José Maria

A amizade e insistência dum companheiro de seminário, agora ao serviço dos Irmãos em Angola, fez-me aceitar o bilhete de avião do Lobito a Luanda. Contava fazer a viagem até ao Dondo na nossa velha Ford e depois na Toyota. Seria uma viagem de dezasseis horas. No avião foi uma hora e pouco. Soube-nos sempre bem o encontro com Amigos.

Em Luanda esperei os nossos Padre Telmo e Padre Manuel António. Fizemos um ataque a três igrejas: Sé, Carmo e igreja de Jesus. Foi um ataque cerrado. Ataque de paz e construtivo. Falámos e pedimos nas missas vespertinas de sábado e em todas as de Domingo. Não combinámos o que havíamos de dizer, mas a doutrina tinha de ser a mesma: Cristo e os homens que mendigam o nosso amor; Cristo e os homens abandonados;

Uma carta

«Dou graças a Deus, por neste fim de ano me permitir dar cumprimento a um desejo já muito antigo: mandar à Obra da Rua estes 500\$00 — sendo 5\$00 o capital restituído (esmola dada um dia pelo Sr. Padre Américo, a minha santa Mãe, não importa onde), e 495\$00 os juros do mesmo.

Se V. me deixa manifestar um desejo, gostava que este dinheiro fosse aplicado no CALVÁRIO, para assim de algum modo confessar e quase reparar aquele conforto, bem-estar e carinho que eu, nos últimos anos da sua vida, não soube ou não pude dar a minha martirizada Mãe.

Pede orações para a paz da alma e saúde do corpo
Um doente e pecador.»

ÁFRICA

Cristo e os homens perseguidos; Cristo e os homens injuriados; Cristo e os homens assassinados. Quanto vale amar.

Vi, como costume ver sempre, a mesma atenção, o mesmo silêncio, lágrimas em muitos olhos, corações comprimidos, alguns sorrisos nos lábios e as mãos a estenderem-se à passagem da nossa saca.

Com a arma da nossa palavra e da nossa vida, vamos também pedir pão. Pão para os filhos que aceitámos como nossos. Pão a que muitas vezes não se dá apreço, porque se estraga. Pão que se não saboreia, porque se tem em abundância. Pão comido sem suor do rosto. Pão amassado, pedido e comido com lágrimas.

A porta, um casal comentava entre si que a pregação tinha sido muito prática: **quase nunca levamos nada da missa; os padres, geralmente, apresentam muita teoria.**

O Povo de Deus também busca Pão.

No intervalo das missas da manhã e da tarde baptizámos os irmãozinhos Carlos Alberto e Maria Rosalina, que foram da nossa Casa de Setúbal, agora filhos adoptivos de casal amigo. Tudo foi preparado para que fosse uma festa cristã e também familiar da Obra. Que felicidade termos consciência de que somos filhos de Deus e irmãos uns dos outros!

Ao fim do dia estava marcado o meu regresso à Metrópole, mas por qualquer avaria, o avião só partiu às 2,45 h. de 2.ª feira. A viagem foi boa, mas o nevoeiro sobre Lisboa serviu de pirata e obrigou-nos a desviar para Faro e ali nos reteve três longas horas.

Regressei com boas e más impressões. Vi muitos movimentos de vida, mas também vi movimentos de paralisia. Fez-me bem voltar a África e cada vez a vou amando mais.

Padre Horácio

FESTA

A vida é vária.

Aqui estamos nesta coluna habitual de muitos anos, para dizer: não o que a festa vai ser e quando vai ser, mas para prevenir os desejosos da zona norte de que este ano não haverá Festa.

Desde Dezembro procuramos diligentemente uma fórmula que a tornasse possível... Mas não achámos. E agora que começou já a **procissão** dos interessados no «Espelho da Moda» em busca de bilhetes, fiados no costume da Festa em Março, houve de tomar uma decisão e esta teve de ser pela negativa.

E porque não a Festa, este ano?...

A falta de tempo para a prepararmos, sem rutura do esquema escolar em vigor.

O Posto da Telescola em funcionamento tem sido chamariz, um saudável e feliz centro de interesse. Fora o pequeno grupo dos mais velhos, em vésperas de vida militar, toda a nossa gente anda na Escola. Aqueles mesmos que fizeram a Instrução Primária no tempo da escolaridade obrigatória de quatro anos, têm querido — que bom! — aproveitar a oportunidade do Ciclo Preparatório, o qual, para alguns, está sendo estímulo para prosseguir estudos.

Por outro lado, verificando-se há muito (e mais que nunca neste tempo em que a racional-

lização do trabalho deixou irreversivelmente de ser hipótese facultativa) a necessidade de aperfeiçoar e fundamentar teoricamente a aprendizagem profissional dos nossos Rapazes — começámos em Outubro, na Tipografia, aulas de Tecnologia, que dividimos por três disciplinas: Cultura geral, Composição e Impressão, das quais são monitores respectivamente, Júlio, Bernardino e Quim Oliveira.

Mais uma solicitação importante a ocupar o tempo e a atenção dos nossos Rapazes e a requererem um grande esforço na indispensável preparação das aulas, ao Júlio e Bernardino, que seriam os grandes responsáveis da Festa.

Quer dizer: Teríamos que atropelar, se não mesmo suspender, cerca de três meses esta orgânica escolar, para que a Festa pudesse ser.

Eis porque nos tivemos de determinar por que este ano não fosse.

Nas zonas Centro e Sul, e em África, a seu tempo falarão os nossos padres de cada Casa.

Ao nosso público do Norte, que desde Monção a Aveiro, desde Espinho a Lamego, nos vem acarinhando há tantos anos com a sua presença calorosa, o nosso pesar pela ausência deste ano, a esperança de retomarmos o convívio quanto antes e a nossa amizade muito grata.

SETÚBAL

QUEM QUER AMAR ASSIM?

Teve um sentido novo a presença de um grupo de Senhoras Setubalenses na nossa Casa, todas as segundas-feiras, a cuidar da roupa dos rapazes. Quando Pai Américo as encontrou a 1.ª vez em 1955, deslumbrou-se, e teve para elas uma manifestação de descoberta do sentido evangélico de bem fazer: — Dar, dando-se. — Dar tempo e carinho. Dar com

as mãos e com a fé. Foi novidade para muita gente! Apareceram também pessoas, levadas pelo sensacional, mas passadas as primeiras impressões desistiram. Não havia chamariz. Persistiram as que, levadas pela fé, vinham amar e aprender a amar mais o seu irmão. Essas sim, aguentaram mais de uma dezena de anos, até que algumas foram morrendo, outras inibidas por exigências da sua vida, deixaram o grupo. Houve períodos na nossa vida, de mais de dois meses, que não tivemos o calor da sua presença.

Há tempos que o grupo se vem compondo. Cinco, oito e até a dúzia! São Senhoras que vêm movidas por um sentido puro do amor. Sem falsificações, sem segundas intenções, sem esperar compensações a não ser a de fazer a vontade santa de Deus! Não fazem chá.

Não usam a má língua. Não se divertem com os outros! O seu nome não é conhecido. A sua obra é ignorada. O seu amor é vivo. Conforta-nos. É fonte de energia para continuarmos a amar e a dar-mo-nos. É apoio e exigência.

Com o inverno a nossa roupa tem-se amontoado. Montões de roupa para remendar, escolher, pregar botões, ajeitar! Todas as segundas-feiras, às 14 horas se juntam as nossas devotas para a sua faina!

Quem quer amar assim? Tenho notícia de tantos convívios sociais que não passam de futilidades. Tanto vazio que por aí se vive! Não queres encher o teu coração do amor de Deus, amando? Garanto-te que não ficas iludida.

Padre Acílio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE